

Gesto, Oralidade, Escritura e Tradução:  
A emergência das línguas de sinais e o  
primado fonológico dos estudos  
linguísticos.

Gesture, Orality, Writing and Translation:  
The rise and urgency of signed languages  
and phonological primacy in language  
studies.

Roberto Mário Schramm Jr.\*

*Resumo:* Este ensaio pretende refletir acerca de certos problemas decorrentes do primado da fala e da oralidade na constituição da ciência Linguística. Partimos da consideração das línguas gestuais e tentamos demonstrar o quão desconfortáveis podem parecer alguns dos conceitos da ciência da linguagem que expressam o privilégio da fala fonética no estabelecimento dos conceitos-chave da Linguística estrutural. Para tanto, discutiremos esses conceitos no âmbito da passagem do modelo semiológico do século XX para um paradigma multimodal que emerge no século XXI. Ademais, confrontaremos as abordagens 'oralistas' e 'textualistas' com as questões que emergem do estudo das linguagens gestuais. Nossa tese: a dimensão gestual é uma modalidade constituinte do discurso tanto quanto a fala e a escrita; de

---

\* Doutorando da Pós Graduação em Estudos da Tradução (PGET), Universidade Federal de Santa Catarina. <http://www.pget.ufsc.br>

modo que a discursividade plena se resolve num modelo tradutivo, onde cada modalidade se refere, esclarece e complementa a seguinte.

*Palavras-chave:* Língua de sinais; Origem gestual da linguagem; Gestualidade; Multimodalidade; Tradução.

*Abstract:* This paper aims to discuss certain problems concerning the privilege of oral discourse in the core of Linguistics. Starting from the context of the Sign Languages, we argue that most of the key concepts of Linguistics are inextricably and uncomfortably connected to oral speech. Such concepts are to be discussed in the realm of the paradigmatic crossing from the 20th century semiotics to the 21st century multimodality. Also, we shall confront the "textualist" and "oralist" approaches with the issues of gestural and sign languages. Our thesis: gesture constitutes a discursive modality as much as speech and writing do. Moreover, full discursiveness would resolve itself in a translational model, where each and every modality supports and enlightens the following one.

*Keywords:* Sign languages; Gestural origins of language; Gesture; Multimodality; Translation.

## 1. Língua, Linguística e 'linguismo'

Estaremos exaltando dubiamente as significativas conquistas acumuladas nos últimos quarenta anos por diversas comunidades internacionais de falantes das línguas de sinais, enquanto insistirmos em nos referir a essas comunidades como 'linguísticas' e 'falantes'? A modalidade gestual e performática de comunicação a qual denominamos 'língua' de sinais<sup>1</sup> denunciará, nessa mesma denominação, o privilégio de que goza a modalidade verbal do discurso na Linguística? Ora, o músculo que é a língua,

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos à língua de sinais, no singular, nós não pensamos em um idioma gestual universal. Queremos apenas designar alguma realização específica (LIBRAS, LSN, etc.) dentre uma pluralidade de idiomas.

nem renuncia nem abdica das mais diversas funções e especialidades, para além daquela que denominamos 'linguística'. Só que o enorme sucesso desse polivalente músculo - ponta de lança do aparelho fonador - parece ter obliterado as considerações das modalidades alternativas das quais temos hoje o entendimento de que sejam, pelo menos, concomitantes e complementares (ao invés de concorrentes) à oralidade<sup>2</sup>.

Em bom português, chamamos de língua também aquilo que não se produz necessariamente com a língua, como no caso de 'língua de sinais'. Por mais significativa que ela seja enquanto sistema, a 'língua de sinais', a língua não falada, recusa-se a significar pela agência muscular da língua. Mas é mesmo assim uma língua: a Linguística é, pois, 'linguista'. Do mesmo modo, todo texto escrito se ressentia desse 'linguismo', antes que desconstrutores e textualistas nos mostrassem que a escrita tem uma economia própria, e que tende a ser obliterada pelos mecanismos fonocêntricos. Pois o texto é escrito em uma determinada língua, é a expressão gráfica de alguma linguagem, o registro, o reflexo, a sombra de alguma oralidade. É a hegemonia da fala, que condena ou impõe às demais modalidades de comunicação mais recentes (a escrita) ou menos utilizadas (o gesto), o papel de suplementos ou paliativos empregados na impossibilidade ou inconveniência da oralidade. Esse discurso "fonocêntrico", "linguista", "logocêntrico" - pautado pelo primado da fala - é frequentemente invocado para explicar e refletir o próprio discurso, e tem em vista, constantemente, apagar os rastros e traços multimodais que pudessem participar da origem da discursividade.

---

<sup>2</sup> Aludiremos, inicialmente, a esses conceitos de 'oralidade', 'fala', 'discurso' e 'verbal', no sentido tradicional, ligado ao fonocentrismo e ao grafocentrismo dos estudos linguísticos e literários. Na medida em que a questão das línguas de sinais for se interpondo em nossa argumentação, verificaremos uma expansão desses conceitos. Solicitamos, ainda, a atenção do leitor para os jogos que faremos com os termos 'língua' e 'linguística'.

## 2. O gesto e a fala

Precisamos saber escutar essa fala muito eloquente dos falantes das línguas de sinais, justamente para que estejamos em guarda quanto às nossas próprias tendências de concatenar nossos universais linguísticos com algum programa logocêntrico dedicado a estabelecer a oralidade como universalmente constituinte do processo de significação.

Nesses termos, não bastaria admitir, com DINIZ, que LIBRAS, por exemplo: "(...) sempre sofreu o preconceito e houve a 'proibição' do uso desta língua de sinais (...), na educação para surdos, através da filosofia oralista no final do século XIX" (2010: 22). Seria, antes, necessário admitir que esse preconceito é o mais linguístico dos preconceitos linguísticos: o preconceito linguista, da oralidade como modalidade primária da significação, e da organicidade da 'língua' como originante do sistema da linguagem. O privilégio da modalidade oral corresponde ao privilégio da língua (o músculo) que articula os sons, que 'fala' o sistema.

O preconceito sistemático do sistema linguístico é o que nos compele a acreditar que tal sistema contém o gesto e a escritura - e a considerar que essas modalidades sejam incapazes de construir ordens e hierarquias que lhes sejam próprias. Se quisermos interpretar a expressão 'língua de sinais' nos termos da Linguística estrutural saussuriana, deparar-nos-emos com uma potencial incapacidade de conceber a linguagem como qualquer coisa que não seja verbalmente realizável. Também teremos dificuldade de situar o conceito de sinal no contexto do gesto, contexto que ele ocupa em 'língua de sinais'. O que pode ser dito desse primeiro estruturalismo na consideração de uma linguagem de sinais? Onde estão os falantes ideais dos significantes, a 'imagem acústica' dos significados? Se o estruturalismo linguístico

confessadamente admitia uma noção da escritura como secundária em relação à fala, a consideração da 'língua de sinais' era-lhe ainda mais dificultosa.

A Linguística saussuriana, mesmo estando aparelhada para detectar a língua de sinais como fenômeno linguístico, não soube, por outro lado, diferenciá-la, reconhecer nela sua especificidade. Na primeira onda da Linguística estrutural, porém, toda língua é de sinais (isto é, constituída pelo signo linguístico), e todo sinal é linguístico.

Ironicamente, o estruturalismo subsequente, que emerge com o advento do gerativismo, deve às línguas de sinais alguns dos indícios mais robustos disponíveis para a comprovação de um de seus mais importantes postulados: aquele que estabelece que o ser humano é fisicamente dotado da capacidade de gerar gramáticas, de construir sistemas complexos de comunicação por meio de suas disponibilidades fonológicas e neurológicas. Tal fato se verificou justamente no caso célebre da língua de sinais nicaraguense. Narraremos brevemente uma versão do caso, quase como uma fábula<sup>3</sup>. A partir de 1979, após a revolução sandinista, as crianças surdas da Nicarágua vinham sendo alfabetizadas no sistema de sinais que meramente mimetizava a escrita fonética, o que - nos termos de nossa crítica - condena o gesto a ser um suplemento desconfortável e precário da escrita fonética (a própria escrita fonética, desde o início, também um suplemento decadente e secundário da linguagem). A aparente negação peremptória dessa desqualificação surge com a invenção espontânea, por parte daquela comunidade de crianças, de um idioma gestual *pidgin* que permitia que elas se comunicassem entre si, mas que impedia, por outro lado, que os professores dessas crianças as compreendessem. Os professores tiveram que

---

<sup>3</sup> A narrativa é um breve resumo do trecho de PINKER (1995: 36-39) relacionado à LNS, no capítulo '*Chatterboxes*'. A 'descoberta' da LNS e de sua relevância para a gramática gerativa remonta aos estudos pioneiros, realizados a partir de 1986, por Judy KEGL (1999).

apreender a linguagem que os alunos desenvolveram a partir de sua capacidade inata de gerar gramáticas.

Numerosos outros casos foram notificados, e outros tantos autores<sup>4</sup> se posicionaram, mesmo assim, contra a possibilidade de que tais desenvolvimentos no âmbito de uma língua gestual pudessem contar como evidência clara de que a sintaxe é inata ao ser humano. O que não se pode negar é que tais invenções constituam campos de muita relevância para o estudo da linguagem. O fenômeno da língua gestual, e a aparente espontaneidade na geração de um idioma de sinais, são fatores que nos levam a considerar uma possível gramática do gesto, que se estabeleça independentemente das línguas e escritas fonéticas, à margem e a despeito da oralidade, da palavra falada.

### 3. O modelo de toda a atividade semiológica

Voltemo-nos àquela posição do primeiro estruturalismo, especificamente para a concepção admitida por Saussure, de que a Linguística é parte de uma ciência maior, nominalmente a Semiologia. A disciplina foi também formulada como estudo geral do signo, estudo esse que partia de um modelo triádico (representante - conceito - objeto) proposto por Charles Sanders Peirce. O enfoque triádico de Peirce contrasta com a redução binária das dicotomias de Saussure: Peirce, ao menos, admitia um mundo exterior aos

---

<sup>4</sup> A referência principal aqui seria Michael TOMASELLO (1995: 147-148), que ataca frontalmente a posição assumida pelo já citado Steven Pinker. O livro de PINKER se intitula *The Language Instinct*, enquanto a referida resenha de TOMASELLO tem como título *Language is not an instinct*. No âmbito dessa disputa encontra-se o atual debate entre gerativistas e pós-gerativistas que cerca nossa argumentação.

processos de significação. Em todo o caso, teremos, a princípio, o signo linguístico como uma especialidade, um caso especial, uma ordem de signos entre tantas outras possíveis.

A semiótica admite a pluralidade das modalidades significantes, e a "(...) função signo tem sido examinada também do ponto de vista de diversos signos não-verbais<sup>5</sup>" - chegando-se, inclusive, a constatar que seria imprudente (*reckless*) "(...) propor que não existam diferenças entre os vários tipos de signos<sup>6</sup>." (Eco 1979: 172). A oralidade é (multi)modal, toda diferença é significativa já na ordem do significante. Ou será que algumas diferenças são mais diferentes do que as outras? A pluralidade do signo está determinada, entretanto, pela classe do verbo, já que definiu-se os 'outros' sistemas que constituem essa pluralidade como "não verbais".

Estaríamos habilitados, mesmo assim, a propor o projeto de uma 'gestualística' (nomeando o 'outro', o 'não verbal'), um estudo semiológico do signo gestual paralelo ao estudo da semiologia fonocêntrica? Um estudo das muitas modalidades, ao invés de uma semiologia orientada para o signo 'linguista'? A semiologia permite ou promove tal desvinculação? Pode fazê-lo a partir de si mesma, apesar de si mesma? Eu creio que tais questões estão situadas, propriamente, na guinada multimodal que descreve - nos termos de Gunther KRESS (2013: s/p) - um deslocamento dos "sistemas semióticos" para os "recursos da semiótica". Essa guinada, entretanto, encontra-se em pleno movimento e apenas começa a se deixar perceber no início do século XXI.

Ainda assim, durante o século XX, a proposição de uma semiologia - no que estabelecia uma pluralidade supostamente não hierarquizada de sistemas de signos - parecia proporcionar os elementos necessários para uma inquirição de idiomas gestuais orientados à sua própria e gestual especificidade, sem que tivéssemos que nos reportar ao estado de coisas da Linguística, mas também

---

<sup>5</sup> (...) *sign-function has also been examined from the point of view of many non-verbal signs.*

<sup>6</sup> (...) *to maintain that there is no difference between various types of signs.*

sem o compromisso de renunciar aos avanços e desenvolvimentos obtidos no estudo da linguagem. Ainda assim, quando da guinada semiótica, tal como levada a termo nos anos 1970, por Umberto Eco, o panorama tampouco se mostraria muito promissor para que o programa 'gestualístico' se impusesse:

O problema [dos diferentes sistemas não verbais] poderia ser resolvido considerando-se que toda teoria da significação e da comunicação tem um único objeto primário, i.e. a linguagem verbal; todas as demais linguagens, por outro lado, são tomadas como aproximações imperfeitas de suas capacidades e, assim, constituindo-se em instâncias impuras e periféricas dos seus dispositivos semióticos. Portanto, poderia se definir a linguagem verbal como [a] o sistema primário de modelagem, enquanto as demais linguagens seriam entendidas como secundárias, como traduções, derivativas (e parciais) de alguns dispositivos do modelo verbal. Ou se poderia defini-la como [b] o modo primário pelo qual, especulativamente, a espécie humana traduz seus pensamentos - sendo que pensamento e discurso constituem áreas privilegiadas para a pesquisa semiológica - de maneira que a Linguística é não apenas o ramo mais importante da semiótica, como também o próprio modelo para toda a atividade semiológica. A semiótica como um todo, assim, não é mais do que uma derivação da Linguística<sup>7</sup>. (Eco 1979: 172)

O trecho é uma revisão bibliográfica - embora se tenha apagado as referências na transcrição. Metade do parágrafo (a) vem do semiólogo Yuri Lotman (1922 -1993). A outra metade (b) vem de Roland Barthes (1915-1980),

---

<sup>7</sup> (...) *the problem could be solved by saying that every theory of signification and communication has only one primary object, i.e. verbal language, all other languages being imperfect approximations to its capacities and therefore constituting peripheral and impure instances of semiotic devices. Thus verbal language could be defined as the primary modeling system, the others being only secondary, derivative (and partial) translations of some of its devices. Or it could be defined as the primary way in which man specularly translates his thoughts, speaking and thinking being a privileged area of semiotic enquiry, so that linguistics is not only the most important branch of semiotics but the model for every semiotic activity; semiotics as a whole thus becomes no more than a derivation from linguistics.*

resumindo um feixe de opiniões que o francês vinha emitindo nos ensaios críticos de 1964. Chamamos a atenção do leitor para a escolha sintomática de dois autores que viveram e morreram no século XX - autores que revelam, nessa releitura de Umberto Eco, uma clara proeminência da oralidade, da linguagem verbal sobre quaisquer outras modalidades do discurso, o que, imaginamos, representa o consenso desse período da Linguística moderna. Nesse sentido, destaquemos os dois usos interessantes do termo '*tradução*' que Eco empregou no âmbito desse seu parágrafo.

Primeiramente, as modalidades verbais não discursivas são secundárias, periféricas, impuras: são "traduções" (portanto 'derivadas') de alguns mecanismos semióticos da modelar e primária modalidade verbal do discurso. Eco repete o termo: a semiologia do verbal pode ser definida como o primeiro modo pelo qual a humanidade teria "traduzido seus pensamentos", de modo que o modelo linguístico é não apenas anterior e associado à origem mesma da linguagem humana, como também é o "modelo para toda a atividade semiótica" - a própria semiologia, inclusive, tornando-se apenas uma derivação do modelo linguístico.

## 4. A comunicação de uma comunicabilidade

Voltaremos, na conclusão desse ensaio, às implicações desse aspecto tradutivo, junto às relações intersemióticas, assim como para a questão das perdas e ganhos que este processo parece implicar. Para chegar lá, no entanto, pretendemos ainda discutir essa questão do privilégio semiótico do modelo linguístico, partindo do ponto de vista construído pela significativa emergência das línguas de sinais em vários contextos produtores de sentido, nesse começo de século XXI. A questão que se interpõe pode ser assim formulada: não teriam os linguistas do século XX superestimado a sua própria

disciplina, no que postulam essa predominância da oralidade enquanto modelo primário da semiologia como um todo?

Até que ponto, por sua vez, esse privilégio da fala falada não se desenvolveu em função da ausência do estudo e da prática das línguas de sinais?

Dissemos, a propósito, sem aspas e sem contemporização: língua de sinais. Capitulamos, afinal? Conseguiremos alcançar algum conhecimento acerca das línguas de sinais sem que se interponha a 'muscularidade' do conceito de língua?

O feixe de perguntas pode nos conduzir para várias partes, e queremos adicionar muitas outras. Mas precisamos aceder a nossos limites: não será neste ensaio que fundaremos uma gestualística. Sequer estaremos muito convencidos de que os pesquisadores e 'falantes' das línguas de sinais tenham interesse de fundar uma ciência particular. Talvez essas fundações já estejam dispostas - penso em Agamben, para quem o gesto é (como a tradução) "(...) a comunicação de uma comunicabilidade, a esfera não de um fim em si, mas de uma medialidade pura e sem fim que se comunica aos homens." (AGAMBEN 2008: 13). Seria então o caso de se admitir, por outro lado, que o gesto capturado pela língua de sinais, torna-se ele próprio um gesto decaído, fonologicamente submetido à ciência da linguagem, objeto da Linguística e desvinculado da gestualidade plena, pura e originária do puro gesto medial. Acrescente-se que esse mesmo gesto é também aquele que acompanha a fala, que está junto do discurso oral e que, espontaneamente, se produz junto com a fala, e que complementa a fala, segue a fala, ilustra o ato comunicativo. Esse gesto espontâneo, contudo, faz parte de um conglomerado multimodal, onde linguagem e gesto cumprem funções diferentes: a fala comanda o logos, o discurso que significa, enquanto o gesto é um comentário secundário que oscila entre (I) a espontaneidade gestual inconsciente e absolutamente espontânea do falante espontâneo em uma situação espontânea e (II) a

gestualidade absolutamente contida e estudada do orador autoconsciente, ou do profissional da oratória em contexto de máxima formalidade.

Tanto em (I) como em (II) verificamos o resíduo da gestualidade medial, submetido ao discurso oral, decaído em um sistema que não significa por si próprio, uma finalidade sem fim, portanto (2008: 13). Agamben argumenta que tal força do gesto - enquanto comunicabilidade ao invés de comunicação - persevera nos gestos do dançarino, por exemplo. Não ocorre, contudo, quando o gesto se funde à fala como em (I), ou se funde à fala, como em (II). No caso da gestualidade disciplinada em língua de sinais, a aparente submissão do gesto à ordem do verbo, torna-se ainda mais premente. A língua de sinais renuncia ao caráter gestual para adquirir uma dimensão linguística, de fala gesticulada, que está, no campo da pesquisa e do conhecimento, muito intrinsecamente submetida e atada ao fonocentrismo, justamente porque:

A Linguística pretende, pois, ser a ciência da linguagem. Deixemos aqui de lado (...) todas as questões que a fecundidade dessa ciência deixa adormecidas em relação a sua própria origem. Consideremos (...) que a cientificidade desta ciência comumente é reconhecida devido ao seu fundamento fonológico. A Fonologia, afirma-se hoje, frequentemente comunica sua cientificidade à Linguística, que serve, ela mesma, de modelo epistemológico para todas as ciências humanas. (DERRIDA 2008: 35)

O próprio Derrida nos sugere o modo pelo qual podemos contornar e questionar o fonocentrismo que invade, coopta e submete a gestualidade, tanto nos conglomerados multimodais de (I) e (II), quanto no nosso caso de fala gestual das línguas de sinais. Procuro agora empoderar o gesto nessas relações, sugerir alternativas e/ou perspectivas cruzadas contra o fonocentrismo que nos legou a hipertrofia da Linguística como ciência piloto durante o século XX.

A tarefa é um tanto mais árdua se levarmos em conta que o textualismo, para o qual a Semiologia pós-Eco se encaminhou, teve pouco a dizer sobre o gesto. Do mesmo modo que a Linguística captura o gesto na fala, a Semiologia enclausura e reduz a gestualidade à 'textualidade'. Mais significativamente, tampouco verificaremos uma atitude muito diferente entre os clássicos recentes da teoria da comunicação. Walter Ong, em *Oralidade e cultura escrita*, é quem parece jogar uma pá de cal sobre as possibilidades não apenas de uma primazia do gesto, de uma gramatologia do gesto, como também de uma desvinculação da língua de sinais do primado da fonética:

Existem formas extremamente ricas de comunicação não-oral - o gesto, por exemplo. Contudo, em sentido profundo, a linguagem, o som articulado, é preponderante. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento se relaciona com o som de um modo muito especial. Todos já ouvimos dizer que uma figura vale mil palavras. Contudo, se é como diz o ditado, por que o ditado precisa ser dito? Porque uma figura só vale por mil palavras em condições muito especiais - as quais frequentemente incluem um contexto verbal, onde a figura será disposta<sup>8</sup>. (ONG 1982: 6-7)

Note-se que nesse ponto Ong alude ao gesto medial associado à fala que nos referimos em (I) e (II), o qual permanece adequado na anedota do autor. Ele diz que se uma imagem valesse mesmo mil palavras, não precisaríamos de palavras que descrevessem essa propriedade da imagem. Da mesma forma, supomos que o autor considere que a medialidade pura do

---

<sup>8</sup> *Some non-oral communication is exceedingly rich – gesture, for example. Yet in a deep sense language, articulated sound, is paramount. Not only communication, but thought itself relates in an altogether special way to sound. We have all heard it said that one picture is worth a thousand words. Yet, if this statement is true, why does it have to be a saying? Because a picture is worth a thousand words only under special conditions— which commonly include a context of words in which the picture is set.*

gesto só demonstre algum privilégio, ou maior capacidade do que a fala, em contextos muito específicos. Segue ONG:

Onde quer que existam seres humanos eles possuem uma linguagem, (...) uma linguagem que existe, basicamente, como coisa falada e escutada, no mundo do som. A despeito da riqueza do gesto, as línguas de sinais elaboradas substituem a fala e dependem dos sistemas orais, mesmo quando empregadas pelos surdos congênitos<sup>9</sup>. (1982: 7)

Segundo ONG, portanto, as elaboradas linguagens de sinais, a despeito de sua riqueza expressiva, são apenas (pobres, supomos) substitutas das linguagens orais, e participam daquela dependência dos sistemas orais de fala/discurso/linguagem (*oral speech systems*), passagem que muito faz para afinar o discurso de Ong com o daqueles 'ecos' de Lotman e Barthes, que propagamos acima. Esses autores - todos eles influentes e decisivos em suas especialidades, cada qual tendo alcançado o auge de sua potência durante a segunda metade do século XX - convergem em uníssono para essa opinião acerca do privilégio semiológico da oralidade. O gesto, portanto, nas linguagens de sinais, é um substituto inadequado para a fala, mesmo quando utilizado pelos falantes que não falam, os 'congenitamente surdos'. Esse último ponto de Ong é corroborado pela pesquisa contemporânea. Por exemplo, Karen EMMORY: "Nenhuma comunidade conhecida de falantes (sem membros surdos) utiliza uma língua de sinais como primeira língua. Portanto, uma comunidade de surdos-mudos parece ser um pré-requisito para a

---

<sup>9</sup> *Wherever human beings exist they have a language, and in every instance a language that exists basically as spoken and heard, in the world of sound (...). Despite the richness of gesture, elaborated sign languages are substitutes for speech and dependent on oral speech systems, even when used by the congenitally deaf.*

emergência e manutenção de uma língua de sinais<sup>10</sup>." (2005: 130-131). Também LEVINSON (do instituto Max Planck) e EVANS no que respondem aos comentários de Cormier, Schembri e Woll; e de Sandle sobre sua própria desmitificação dos universais linguísticos, concedem que "(...) restam poucas dúvidas de que nas comunidades ouvintes e falantes, a linguagem falada se torna a modalidade dominante<sup>11</sup>." (2010: 2753). Temos aqui o alistamento desse dado empírico acerca do desconhecimento que nós (a comunidade científica) partilhamos acerca de sequer um exemplo de comunidade linguística que, sem qualquer impedimento à oralidade, tenha desenvolvido um sistema originalmente gestual para fins de comunicação.

## 5. Língua, gesto, inovação

Tal consenso é frequentemente colocado como uma objeção às teorias da origem gestual da linguagem, hipótese que, no entanto, voltaremos a considerar. Se persistirmos um pouco mais com Ong, perceberemos que, muito embora esse último aspecto de seu argumento encontre muito respaldo na pesquisa atual, será na pesquisa contemporânea e específica acerca das línguas de sinais que encontraremos para refutar aquela posição de Ong/Eco/Barthes/Lotman - assim como dos pesquisadores dos anos 1970, citados por ONG (Kroeber 1972; Mallery 1972; Stokoe 1972) - como desinformada por pesquisas datadas e concepções obsoletas. Refiro-me à

---

<sup>10</sup> *No known community of hearing people (without deaf members) uses a signed language as the primary language. Hence, a community of deaf people appears to be a prerequisite for the emergence and maintenance of a sign language*

<sup>11</sup> *(...) there is little doubt that in hearing populations the spoken language becomes the dominant partner.*

língua de sinais como sistema substituto, secundário e dependente da oralidade. A pesquisa recente em língua de sinais sugere que tal rebaixamento da modalidade gestual, enquanto produtora de discursividades, não pode mais ser admitido.

Discutiremos, brevemente, dois casos que podem esclarecer nossa posição acerca disso. Há um caso zero (LNS), já discutido, que deriva do papel dos estudos de linguagens de sinais de primeira geração enquanto um indício da fala e da linguagem como um traço instintivo, biologicamente suportado nos seres humanos. Ora, se a confirmação se dá por meio do estudo dessas línguas de sinais, seria bastante razoável supor que esse instinto se refere a algo que não é exclusivamente produzido por uma língua e expresso por uma fala, tampouco uma disposição biológica para essa capacidade se submete e se resume a um aparelho fonador, visto que essa inata disposição comunicativa pode ser produzida pelo sinal gestual, quando necessário. Tratar-se-ia de uma capacidade neural, ao invés de oral? O fato de que não emergiram comunidades oralmente capazes que optassem por se expressar pela via de sinais não implica em que não tenham emergido casos de comunidades surdas que desenvolveram sua linguagem em isolamento. Foram tuteladas por alguma instância da oralidade? Devemos lembrar que, como admite Ong, a própria oralidade encontra-se, hoje, decaída numa oralidade secundária, tão dependente e derivada do letramento imposto pela cultura escrita como a língua de sinais se encontra em relação às línguas faladas. Ou seja, essa oralidade que se formou na cultura escrita já é uma oralidade expandida, uma oralidade que não pode ser explicada apenas no interior do modelo fonético, no primado da fala.

O primeiro caso a que eu nos referíamos, entretanto, cabe aqui como uma estratégia menos difusa para desestabilizar o tão firmemente estabelecido primado das linguagens orais sobre as gestuais. Reporto-me aos *Percursos em Teoria da Gramática* (2013), especificamente ao capítulo de SILVA & SELL, intitulado *Algumas notas sobre compostos em Português Brasileiro e*

*LIBRAS* (2013: 40-41, *passim*). Atentemos para a descoberta de “um caso surpreendente” de composição verbal, aparentemente específico das “línguas de sinais em geral e da LIBRAS em particular”. (2013: 40) Trata-se da capacidade adquirida pelas línguas de sinais e exemplificada pela LIBRAS, de criar verbos a partir da composição, da junção de dois outros verbos. Nesse caso, somos apresentados a um curioso processo de formação lexical - quase ideogrâmico, ou mesmo ‘ideogramático’ - onde a palavra ‘acreditar’ é gestualmente indicada, sinalizada, com a junção dos sinais que traduzem os verbos SABER^ESTUDAR. Da mesma forma o nosso verbo do P.B. ‘receitar’ se traduz em LIBRAS como o agregado verbal ESCREVER^COMPRAR. Nesse ponto, perguntamos: é justo acreditarmos - tendo em vista a singularidade do fenômeno apresentado pelas autoras - que a língua de sinais em uso corrente consista em um decaimento das línguas orais que lhe emprestam a gramática, se podemos observar que essas mesmas línguas de sinais produzem fenômenos que não são observáveis no âmbito da oralidade restrita? Se uma língua de sinais depende e se deriva de uma língua oral junto à qual contrasta seu léxico, traduz seu léxico e impõe sua gramática, não deveria, por outro lado, ser possível que essa língua gestual - mero receptáculo de uma oralidade ideal que lhe foi negada - pudesse produzir inovações, passíveis de serem retraduzidas para o sistema oral e reconhecidas como irrealizadas nos processos de composição observados nos idiomas falados. Mas, se temos que ponderar aqui que tal processo inédito poderia muito bem ter sido descoberto em algum idioma oral, temos que ponderar também que, não sendo esse o caso, as implicações de tal descoberta em idioma gestual são tanto o mais espetaculares, ainda que se trate de um conjunto de exemplos restritos ou de “algum tipo de processo de lexicalização.” (2013: 49). Estamos no âmbito da Linguística, mas vislumbramos desse interior da disciplina um indício de inovação gramática que ocorre fora dos domínios da língua (o músculo). Dentro da Linguística - mas fora da fala.

Nesse ponto Silva e Sell perguntam com muita propriedade: “se o processo de composição nas línguas humanas só fornece categorias +N” - isto é, em PB composições formadas por Nome + Nome, Verbo + Nome ou Nome + Adjetivo - “que processo de formação de palavras é esse?”. A evidência advinda da língua de sinais, desses compostos de palavras formados por um processo de formação V^V, que não ocorre na língua oral; o processo sem nome, marco de alguma operação inovadora e surpreendente oriunda do gesto significativo que engendra um verbo de dois outros verbos: tudo isso é proveniente, por paradoxal que pareça, de uma língua não verbal. Os verbos da língua de sinais instruem e complementam o estudo da morfologia das línguas fonéticas, num contexto tal que devemos reavaliar o primado fonético estabelecido durante o século XX por linguistas e teóricos da comunicação, alguns dos quais pudemos discutir.

O segundo caso que gostaríamos de narrar se refere, por um lado, à língua de sinais em seu campo menos ‘linguístico’ e, por outro lado, mais aural e próximo da pura gestualidade: uma narrativa do poeta britânico John WILSON, citada por SUTTON-SPENCE (2010: 267-268) no artigo *O papel das narrativas em língua de sinais para o desenvolvimento da identidade de crianças surdas*<sup>12</sup>. A autora nos informa que, na ocasião em que a história aconteceu, Wilson - poeta e surdo, mas ainda muito jovem - havia experienciado a poesia apenas em sua forma escrita. Certo dia, o poeta observa uma menina gesticular um poema:

Ela sinalizou um poema simples, sobre uma árvore na beira do rio, soprada pelo vento. Isso teve um impacto muito poderoso sobre mim. Eu fiquei rindo, depois, por muito tempo. Eu não estava rindo dela, eu ria por causa do deleite que me causara ter visto o poema.

---

<sup>12</sup> *The role of sign language narratives in developing identity for deaf children.*

Foi como um tapa na cara - a primeira vez que eu pude ver alguma coisa de forma tão clara<sup>13</sup>. (WILSON apud SUTTON-SPENCE 2010: 267)

Esse tapa na cara do poeta foi desferido pela aura de pura comunicabilidade que emana do gesto. O poema parece suspender o divórcio entre o gesto enquanto pura comunicabilidade, e o gesto enquanto comunicação do sinal linguístico, devolvido à língua de sinais pela sinalização poética. Nessa interpretação, o deleite de Wilson significa que o sinal linguístico coexiste com o gesto significativo; que o extrato poético da língua de sinais aponta tanto para aquele gesto lacônico, mas significativo, do dançarino de Agamben (e do ator de Brecht? O ator épico, o ator do *gestus*?) quanto para os arqueólogos do gesto primitivo que, para alguns, origina a linguagem. O poema em gesto ensina ao poeta uma poesia que não estava exclusivamente no silêncio da palavra escrita, transcrita do sistema fonético para a página do livro, um como o outro inaudíveis para o poeta surdo; mas que estava implicada na coalizão entre gestualidade e sinalização que o poema sugere. O efeito é surpreendente ao poeta, que o descobre com uma manifesta hilaridade. A possibilidade da poesia gestual surpreende o poeta, tanto quanto a ocorrência de um processo de formação de compostos que não existiam nas línguas 'faladas' foi surpreendente às pesquisadoras que os encontraram na língua de sinais. Trata-se de uma afirmação dessa modalidade discursiva, do empoderamento do gesto frente à oralidade restrita, fonocêntrica. Trata-se de uma clara proposição da linguagem de sinais como participante da mesma autonomia e independência de que gozam os idiomas diversos da linguagem 'ordinária'.

---

<sup>13</sup> *She signed a simple poem about a tree by the river, blowing in the wind. Watching it had a very powerful impact on me. I laughed for ages afterwards. I wasn't laughing at her, but at the delight of seeing her poem. It was like a slap across the face - the first time I'd ever seen anything so clear.*

## 6. Uma oralidade expandida

Nesse ponto, contudo, precisamos aquiescer ao próprio desejo, por parte dos pesquisadores e 'falantes' da língua de sinais, de participarem efetivamente de uma oralidade que não se restringe aos limites da fonética. É legítima a decisão estratégica de lutar para que as línguas de sinais sejam reconhecidas e consideradas em suas capacidades comunicativas. O interesse linguístico na língua de sinais suporta essa decisão. As línguas de sinais querem participar da oralidade, "oralidade que para língua visual-espacial ou viso-gestual é uma expressividade visual e corporal" (SANTANA 2010: 61). Os pesquisadores da LIBRAS estão contentes com a Linguística, mas haverão de admitir que a presença sombria da (inexistente ainda) gestualística também os pode inspirar na consideração de fenômenos que sejam específicos de sua própria modalidade discursiva. Mas os linguistas do gesto e os falantes das línguas silenciosas não querem permanecer em um gueto, isolados de um conceito compreensivo de oralidade que inclua as línguas faladas como as sinalizadas: "A oralidade não se reduz à ação da voz. (...) A oralidade implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro: seja um gesto mudo, um olhar. (ZUMTHOR apud SANTANA 2010: 59)

O momento político das línguas de sinais exige que sua vocação gestual esteja incluída na oralidade. Os novos teóricos dessa oralidade expandida que estão a nos propor uma oralidade nova, implicam uma oralidade multimodal, uma oralidade pós-fonética, antifonocêntrica, uma oralidade irreduzível à ação da voz. Uma oralidade que contempla essa 'olharidade' outra, fundada num campo de visão que determina a possibilidade de recepção da mensagem sinalizada. 'Olharidade': a visão-como-audição do gesto-enquanto-fala.

Interessa, portanto, à comunidade LIBRAS e às demais línguas de sinais, o estatuto de língua. Mas apenas na medida em que esse estatuto não reduza, tampouco, a língua de sinais em um sistema derivado, secundário e ineficaz

das línguas fonéticas. Nesse ponto, cumpre que nos apercebamos de que o conceito de oralidade que “não se reduz à ação da voz” é que garante a possibilidade de uma língua de sinais autônoma, tão produtiva quanto as línguas fonéticas, capaz de gerar inovações e fenômenos que não são observáveis nas línguas faladas. Cumpre ainda ressaltar: esse conceito de oralidade expandida, do ponto de vista da língua de sinais, reside em um processo tradutivo. Um processo tradutivo dos procedimentos e mecanismos de produção e recepção da informação. Traduzimos a audição em visão, em olhar, para recriarmos a capacidade semiótica da recepção da língua de sinais. Traduzimos a palavra em gesto, que a torna audível para o olhar dessa oralidade que traduzimos em ‘olharidade’. Reconciliamos assim, a língua de sinais com estudiosos da comunicação, semiólogos, e com oralistas como Ong. Admitimos o ingresso das línguas de sinais no campo da Linguística, em paridade de condições. Institucionalizamos o ensino das línguas de sinais, priorizamos a sua disseminação.

Há também a hipótese de que o surgimento de nossas modernas línguas de sinais seja um ressurgimento. Há indícios de que esse processo tradutivo que parte da oralidade e chega na ‘olharidade’ já se tenha dado pelo reverso. Muitos pesquisadores, no início do século XXI, corroboram a tese de que se tenha dado uma passagem gradual do gesto para a fala, de que os sistemas gramaticais e mecanismos semiológicos que julgávamos emergirem com nossas línguas fonéticas, possam ter se originado em linguagens gestuais.

## 7. A origem gestual da linguagem

Falamos da origem gestual da linguagem. Vamos assumir essa tese, muito forte a partir dos anos 2000, especialmente no campo da Neurologia aplicada à Linguística. O argumento geral da teoria parte de que “a linguagem

humana tem suas origens em uma etapa gestual<sup>14</sup>; e as evidências a favor do argumento:

(...) a aquisição da linguagem como reflexo da evolução da linguagem, as propriedades naturais das línguas gestuais, as homologias em espécies similares, os Neurônios-espelho, o efeito McGurk, e a evidência mais importante: a lateralização do cérebro<sup>15</sup>. (VALDEZ 2005: 22)

Essa proposição da teoria da origem gestual da linguagem, evidentemente, não se apoiaria numa posição ingênua, que postulasse a sinalização ostensiva, o mero apontar para os objetos, e sim em representá-los, 'escrevê-los' gestualmente: "Fala-se aqui de uma primeira etapa seguida de outras, mais complexas, onde as ações gestuais tenham ido muito além de meramente se apontar para os objetos, incluindo-se representações mais complicadas<sup>16</sup>." (2005: 22) Aproveitamos essa análise da teoria da origem gestual da linguagem de Valdez para destacar os trabalhos de CORBALIS (2003) e GOLDIN-MEADOW (1996); ARBIB (2005); SANDLER (2009); que representam em seu conjunto uma clara disposição de se debater a possibilidade da origem gestual da linguagem, estabelecendo, portanto, entre essa nova geração, o primado do gesto. Uma geração que apela para "os corações e as mentes dos jovens pesquisadores que haverão de promover o avanço dos estudos linguísticos"; uma geração que "tem excelentes instintos para verificar mudanças no panorama acadêmico, e deverá procurar por novas abordagens com um claro

<sup>14</sup> (...) *el lenguaje humano tiene sus orígenes en una etapa gestual.*

<sup>15</sup> *la adquisición del lenguaje como reflejo de la evolución del lenguaje, las propiedades naturales de las lenguas gestuales, los homólogos en especies similares, las neuronas de espejo, el efecto McGurk, y la evidencia más importante: la lateralización del cerebro.*

<sup>16</sup> *Se habla aquí de una primera etapa seguida de otras a su vez más complejas donde las acciones gestuales hayan ido más allá de apuntar a objetos, a incluir representaciones más complicadas.*

senso de propósito<sup>17</sup>." (LEVINSON & EVANS 2010: 1). Saberá essa nova geração - que hoje debate a universalidade da gramática universal - reconhecer também as especificidades da língua de sinais? Os gerativistas, os C-linguistas, afinal, souberam acolher a língua não falada em seu universo linguístico, alistando-a em seu programa. Os pós-gerativistas, por outro lado, os D-linguistas - D está para Diversidade - se mostram acolhedores, já que "as línguas de sinais acabaram por constituir um caso especial na Linguística<sup>18</sup>"; mas admitem que os "experts nas línguas faladas frequentemente sabem muito pouco acerca das línguas de sinais<sup>19</sup>." (2010: 21)

A nova Linguística está atenta ao fenômeno da língua de sinais<sup>20</sup>, e está ciente de seu estatuto e dignidade. Citamos Karen EMMOREY: "o fato de que as línguas de sinais são relativamente mais recentes, não significa que elas sejam, de algum modo, inferiores às línguas faladas. As línguas de sinais são tão complexas, eficientes e úteis quanto as línguas faladas<sup>21</sup>." (2005: 130) Essa complexidade, eficiência e paridade para com as modalidades fonéticas nós já demonstramos aqui. Que a fala se traduza em gesto e que o meio acústico se traduza em meio ótico na transmissão da mensagem, também já discutimos. O que aqui se acrescenta é que "Línguas de sinais expressam

---

<sup>17</sup> *the hearts and minds of young scholars whom we hope will advance linguistics. The new generation have excellent instincts for changes in the academic landscape, and they will look for fresh approaches with a clear sense of mission.*

<sup>18</sup> *Sign languages have come to form a specialism in linguistics*

<sup>19</sup> *(...) experts on spoken language often know very little about such languages.*

<sup>20</sup> Nesse ponto em que começamos a discutir as pesquisas mais atuais, devemos assinalar a omissão dos pesquisadores brasileiros que trabalham a convergência da multimodalidade e das línguas de sinais, especialmente - como nos foi apontada - a muito lamentável omissão do círculo de pesquisadores capitaneado por Leland Emerson McCleary, na Universidade de São Paulo. Tomamos contato com esses trabalhos apenas muito recentemente, no âmbito de uma disciplina oferecida no PGET-UFSC por um destacado discípulo de McCleary, o nosso professor Tarcísio de Arantes Leite. Na impossibilidade de assimilar esses novos conteúdos e autores no presente estudo, aguardamos a oportunidade de trabalhos futuros para saldar essa dívida.

<sup>21</sup> *The fact that signed languages appear to be relatively new languages does not mean that they are somehow inferior to spoken languages. Signed languages are just as complex, just as efficient, and just as useful as spoken languages.*

facilmente conceitos abstratos, são adquiridas de maneira similar [às línguas faladas], e são processadas pelos mesmos sistemas neurais que residem no hemisfério esquerdo [do cérebro]<sup>22</sup>." (2010: 130). Queremos dizer: a linguagem de sinais, ao invés de "simples pantomima" (ARDIB 2005: 116) se processa no mesmo hemisfério neural que a linguagem verbal. O gesto espontâneo, por sua vez, estaria sendo governado em outro setor neural, em outro hemisfério. Essa observação pode nos levar a concluir um divórcio entre gesto e sinalização quando o gesto é convocado a construir palavras e domesticado na sinalização. O gesto, oralizado, perde sua gestualidade ao se traduzir em palavra sinalizada.

Por outro lado, quando percebemos a coexistência neural da palavra falada com a palavra gestual, estamos novamente autorizados a pensar nos termos da teoria gestual da linguagem. De acordo com Emmorey, não existe uma razão linguística pela qual se tenha dado um predomínio das línguas sobre os gestos. Eis a razão pela qual as línguas de sinais se mostram problemáticas para a teoria gestual das origens da linguagem:

(...) Consequentemente não existe, a princípio, nenhuma razão estritamente linguística para que a crescente espiral entre protossigno e protodiscurso não tivesse resultado no domínio evolucionário do sinal sobre o discurso. Uma teoria da origem gestual da linguagem deve explicar porque a fala evoluiu afinal, particularmente quando consideramos que uma eventual asfixia por engasgamento é uma possível sequela da evolução da fala, tendo em vista o reposicionamento da laringe<sup>23</sup>. (2005: 130)

---

<sup>22</sup> *Signed languages easily express abstract concepts, are acquired similarly by children, and are processed by the same neural systems within the left hemisphere.*

<sup>23</sup> *Thus, in principle, there is no linguistic reason why the expanding spiral between protosign and protospeech could not have resulted in the evolutionary dominance of sign over speech. A gestural-origins theory must explain why speech evolved at all, particularly when choking to death is a potential by-product of speech evolution due to the repositioning of the larynx.*

A teoria precisa explicar a razão pela qual a “linguagem” - tendo se originado no âmbito gestual - migrou para o âmbito da fala. Por que essa migração, se havia o recurso de construir uma língua de sinais? Por que a evolução não se deu do gesto para o sinal gestual logo de início? Por que se desenvolveu a fala? Por que essa ruidosa modalidade - propensa a atrair predadores e provocar no falante desavisado uma asfixia letal - foi preferida a uma língua de sinais? Ou teria sido gestual a língua pré-babélica? Por que não a elegância discreta e silenciosa de uma língua de sinais emergindo do gesto primal? Esse aspecto é problemático justamente porque as línguas de sinais são muito jovens em relação às línguas fonéticas. Se a origem da linguagem está no gesto seria de se esperar a emergência de uma língua gestual anterior à linguagem oral. Uma língua que não se teria chamado de língua.

Poderia-se também dizer que, afinal, as línguas de sinais modernas não seriam tampouco representativas da origem gestual de uma linguagem - não apenas por razão de sua posição relativa em nossas geografias neurais - mas também porque posteriores e adaptadas (i) tanto às economias da fala secundária, maculada pela escritura que Ong nos propunha; (ii) como também posteriores ao decaimento da escritura sugerido pelo modelo, inversamente simétrico ao de Ong, o modelo da desconstrução. Referimo-nos, agora, a uma simetria inversa entre o textualismo de Derrida e o oralismo de Ong, pois a tensão entre o gesto-enquanto-pura-comunicabilidade e o gesto oralizado em sinal linguístico parece se esclarecer nesse contraste.

Vamos considerar este ‘contraste de contrastes’. Ong, primeiramente, é um oralista que verifica uma oralidade secundária, que surge com o advento da cultura escrita, e o letramento permeia essa oralidade de tal modo que não podemos nos relacionar com aquela oralidade primária que antecedeu a palavra escrita. Derrida, por sua vez, é um textualista que desafia a concepção de uma oralidade original, e que denuncia um fonocentrismo que decorre do primado da oralidade. Esse primado condena a escritura como um suplemento, um suplemento perigoso, secundário, derivado. A língua de sinais

está nessa encruzilhada, Está alienada do gesto e dependente dessa oralidade secundária de Ong. Está marginalizada e reduzida a um mero suplemento, como a escrita em Derrida. Mas pode ser resgatada, empoderada, a qualquer momento, por meio de uma virada de mesa, que pode muito bem partir dos estudos da multimodalidade.

## 8. Hemisférios neurais

Consideremos as questões da coincidência neural dos campos da fala e do gesto oralizado que acontece em uma língua de sinais, junto com uma concepção, que aqui propomos, mais interessada em relacionar a natureza multimodal do discurso contemporâneo com a possibilidade de uma origem também multimodal da linguagem. Teríamos, mesmo assim, que nos haver com a dissimetria entre o gesto que acompanha a fala numa performance oral e o gesto que 'fala' numa performance de qualquer língua de sinais moderna: "Um ponto importante (...) é que linguagem e gesto deveriam ser compreendidos como um mesmo pacote, na medida em que se interlaçam de maneiras intrincadas, tanto nas línguas faladas como (especialmente) nas línguas de sinais<sup>24</sup>." (LEVINSON, EVANS 2010: 2753). As modalidades discursivas, portanto, estão intrincadamente, ancestralmente, interligadas nos atos de fala, e devem ser vistas não como 'a mesma coisa' ou 'uma coisa só', mas como presentes complementares que compartilham o mesmo pacote - surpresas similares, simultâneas e quase inseparáveis, compartilhando o mesmo ovo de páscoa. Mas se chamamos esse pacote de 'cérebro humano', temos que levar em consideração a lateralidade do cérebro, e temos que nos

---

<sup>24</sup> *An important point made (...) is that language and gesture should be seen as a single package, since they intertwine in intricate ways both in spoken but especially in sign languages.*

reportar aos seus dois hemisférios distintos, onde as modalidades se misturam conforme sua função específica. Assim teremos, por um lado, o hemisfério solar da fala fonética e da língua de sinais articulada, e, pelo outro lado, o hemisfério lunar do gesto inculto e do grito primal.

Pois muito bem, resolvemos esse problema quando percebermos que nele opera a mesma simetria de contrários que nos parece operar no contraste entre a oralidade de Ong e a escrita de Derrida. Pois, do mesmo modo em que uma oralidade performática racional e consciente é acompanhada por uma gestualidade semiconscente e espontânea, também uma gestualidade 'oralizada' que se processa racional e conscientemente no discurso da língua de sinais será acompanhada por uma série de expressões faciais e sonoridades emitidas pelo 'falante' - expressões essas que, muito embora, semiconscentes e espontâneas, são operadas em grande parte, com a mesma aparelhagem fisiológica que produz a fala articulada no falante. É como se o falante-gesticulante das línguas de sinais 'gesticulasse' com a língua e os músculos, órgãos e membros de seu aparelho fonador, utilizando, para pontuar o discurso sinalizado, os recursos que o falante-falante utilizaria para produzir a língua articulada. Por simetria inversa, ocorrerá que - invertendo as perspectivas - o falante-falante de uma língua 'falada-com-a-língua' utilizaria para gesticular os mesmos recursos musculares e expressivos da gestualidade: aqueles que o falante-gesticulante das línguas de sinais emprega para 'falar'.

O gesto espontâneo de um é o discurso articulado do outro, e vice-versa: "(...) faz sentido se pensar a comunicação humana como uma confluência de modalidades, com a utilização especial das mãos e da boca: o que as línguas de sinais fazem é reverter as cargas dos diferentes canais<sup>25</sup>." (2010: 2736). Existem, na geografia neural, dois canais simultâneos de

---

<sup>25</sup> *it makes sense to think of human communication as a modality general affair, with special use of the hand and mouth: what sign languages do is reverse the loading of the different channels.*

comunicação: um é 'solar' e o outro 'lunar'. Cada qual parece traduzir o outro, e a insistente alusão ao modelo tradutivo parece implicar que a 'co-comunicação' desse ato comunicativo é problemática, transiente e repleta de perdas e ganhos. Note-se que é arbitrária a proeminência que costumamos dar ao discurso significativo sobre o gesto espontâneo que o acompanha. Essa arbitrariedade se manifesta no fantasma do modelo *source-target*, que assombra o pensamento da tradução linguística, mas que também é exorcizado por uma consideração mais ampla do processo tradutivo irrestrito, o processo intertradutivo, intersemiótico e simultâneo das modalidades discursivas que colidem. A visão multimodal nos leva a crer, portanto, que "pelo mesmo raciocínio, fala e gesto deveriam ser estudados conjuntamente, como reflexos do sistema único<sup>26</sup>." (2010: 2736) O sistema único é o sistema linguístico, mas o sistema, assim como a oralidade, é irredutível à fala. O sistema é, na verdade, múltiplo: é um polissistema, é um sistema multimodal.

O caso da língua de sinais, entretanto, torna evidente que onde uma ordem modal discursiva toma o primeiro plano, a outra parece comentá-la em um segundo (mas nunca secundário) plano. Dois discursos concomitantes, um deles proeminente em sua eloquência, solar, manipuladora de signos. Um discurso fáustico, em contraposição ao outro, mefistofélico, sombrio. Cada qual comanda o outro, renega o outro, enquanto é simultâneo ao outro. Não se trata, entretanto, de que a língua de sinais consista numa oralidade decaída, já que pertence ao mesmo e determinado setor neural que produz a fala articulada. Ocorre que a modalidade dominante (oral ou gestual) articuladora do discurso, residirá no setor neural 'fáustico' das articulações, e uma modalidade secundária, contígua, espontânea e simultânea ao discurso instalar-se-á em segundo plano, no outro setor neural inarticulado e mefistofélico. Esse último se manifestará imprevisível ou domesticado, conforme as disponibilidades de cada agente do discurso, de acordo com a

---

<sup>26</sup> *By the same token, speech and gesture should be studied together, as reflexes of the one system.*

modalidade que se desenvolveu como produtora do discurso primário, solar. O gêmeo sombrio do discurso articulado tenderá a ser, inclusive, restringido e coibido com igual rigor: caso tanto dos falantes 'barulhentos' de linguagens de sinais, quanto dos falantes 'espaçosos' e 'gesticulantes' das linguagens orais.

A modalidade segunda é mefistofélica. Para quem fala com a fala o gesto será mefistofélico. O falante que gesticula muito frequentemente é convidado a 'gesticular menos' enquanto fala, estigmatizado em sua própria excessiva gesticulação espontânea. O gesto tem suas falas, e pode muito bem se contrapor à fala fáustica, por isso se pede que o gesticulador se contenha. Por outro lado, para o falante de línguas de sinais, o ruído inarticulado produzido por seu aparelho fonador, as contrações involuntárias dos músculos de sua face: isso sim será o seu gestual espontâneo, o elemento mefistofélico, o discurso segundo e concomitante ao seu *logos* sinalizado. Há um gesto oral aqui, que se contrapõe, renega e amplia, afirma, enfim: modifica a fala primeira, gestual e dona do sentido. O falante da língua de sinais será, por sua vez, constantemente coibido em suas gesticulações vocais, os (proto)sinais fônicos inarticulados que espontaneamente acompanham e pontuam a articuladíssima oralização gestual de sua sinalização. Uma multimodalidade expressiva demais, portanto, pode se mostrar ruidosa em qualquer modalidade discursiva.

A origem da linguagem não está no gesto e não está na língua. A origem da linguagem está no emprego concomitante de todas as possibilidades discursivas que se tenha a possibilidade de colocar em uso, a fim de que se possa alcançar a atenção do outro, comunicar uma mensagem. A significação se origina em um mundo onde tudo é sobrevida ou morte súbita: vale tudo, todo o modo imaginável, inscrições rupestres, sinais de fumaça, cheiros e odores, gestos e palavras, até. Os fins justificam os meios, os meios que são as mensagens, as mensagens que são multimodalmente expressas, mas muito misteriosamente recebidas. O programa da expressão multimodal sugere uma teoria quase sinestésica da recepção, que traduz o visual em acústico e o

SCHRAMM JR, R. M. - Gesto, Oralidade, Escrita e Tradução:  
A emergência das línguas de sinais e o primado fonológico dos estudos linguísticos.

acústico em visual. E, quem sabe, por causa disso, viremos mesmo a precisar de uma gestualística orientada à tradução, viremos a reconhecer, num futuro próximo, a necessidade de sua emergência.

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. Notas sobre o gesto. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. *Arte filosofia*, n.4, Instituto de Filosofia, Artes e Cultura/Universidade Federal de Ouro Preto/IFAC, jan 2008. p. 9-14.

ARDIB, M. From monkey-like action recognition to human language: An evolutionary framework for neurolinguistics. *Behavioral And Brain Sciences*, v.28, n.2, 2005. p. 105-167

DINIZ, H. G. *A história da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. Orientador: Tarcísio de Arantes Leite. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Florianópolis, 2010.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. Tradução: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EMMOREY, K. Sign languages are problematic for a gestural origins theory of language evolution. *Behavioral And Brain Sciences*, v.28, n.2, 2005. p. 130-131.

ECO, U. *A theory of semiotics*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.

FIGUEIREDO SILVA, M. C.; SELL, F. F. S. Algumas notas sobre compostos em português brasileiro e em LIBRAS. In: PIRES DE OLIVEIRA, R.; MIOTO, C. (Org.). *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 17-41.

KEGL, J. et al. Creation through Contact: Sign Language Emergence and Sign Language Change in Nicaragua. In DEGRAFF, M. (ed.) *Language Contact and*

SCHRAMM JR, R. M. - Gesto, Oralidade, Escrita e Tradução:  
A emergência das línguas de sinais e o primado fonológico dos estudos linguísticos.

*Language Change: The Intersection of Language Acquisition, Creole Genesis, and Diachronic Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999. p. 179-237.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. Nova York: Routledge, 2013.

LEVINSON, S.; EVANS, N. Time for a sea-change in linguistics: Response to comments on 'The Myth of Language Universals'. *Lingua*, n.120, 2010. p. 2733-2758.

ONG, W. *Orality and literacy: the technologizing of the word*. Nova York: Routledge, 1982.

PEIRCE, C. S. *Semiotica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PINKER, S. *The Language Instinct: the new science of language and mind*. Londres: Penguin Books, 1995.

SANTANA, J. B. M. *Fronteiras literárias: experiências e performances dos tradutores e intérpretes de LIBRAS*. Orientador: Cláudia Junqueira de Lima Costa. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Florianópolis, 2010.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística geral*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

TOMASELLO, M. Language is not an instinct (Resenha). *Cognitive Development*, v.10, 1995. p. 131-156.

VALDEZ, C. Análisis de la teoría del origen gestual del lenguaje. *Divergencias*, v.3, n.2, 2005. p. 21-29.

WILSON, J. apud SUTTON-SPENCE, R. The role of sign language narratives in developing identity for deaf children. *Journal of Folklore Research*, v.47, n.3, 2010. p. 265-305.